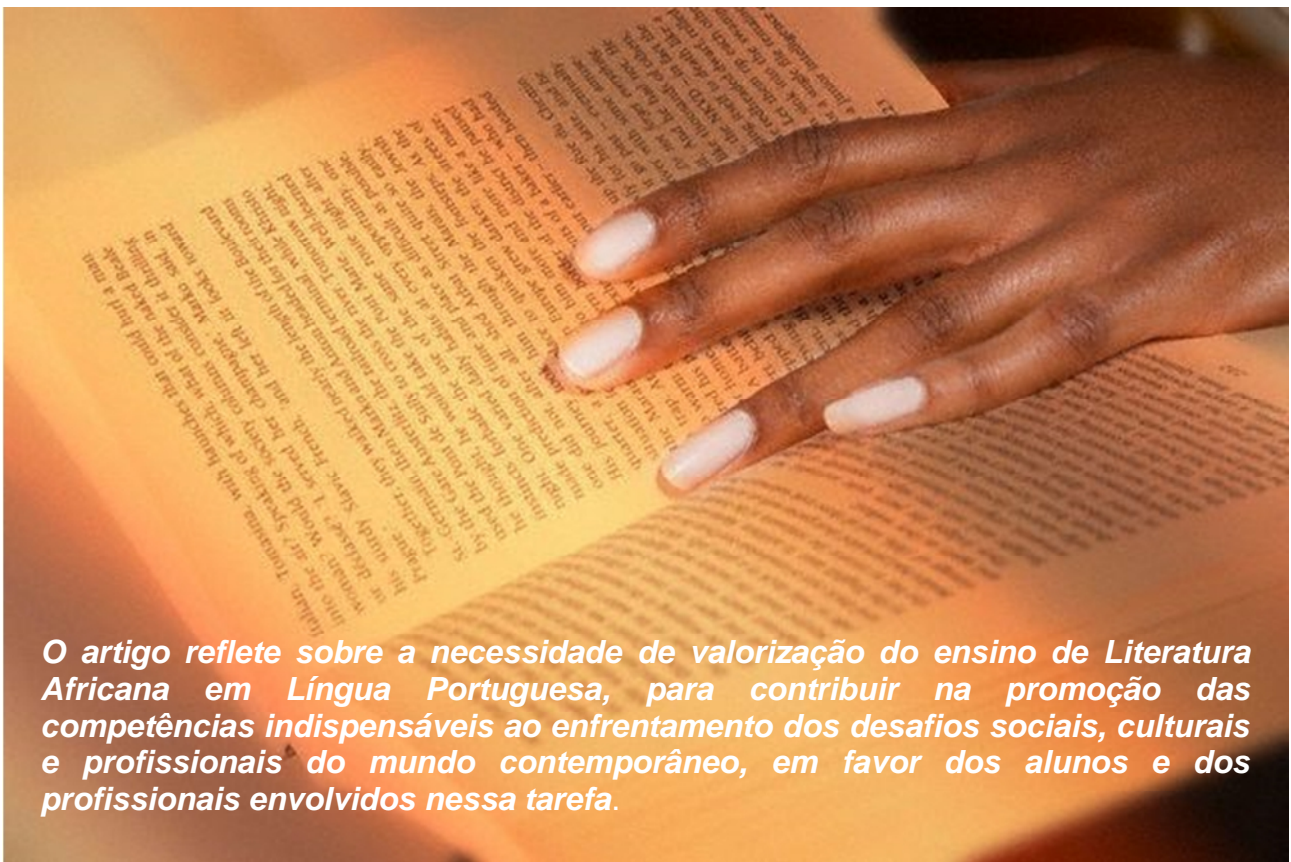


A necessidade de valorização do ensino de literaturas africanas

Percília Antônia Garcia Guimarães¹



O artigo reflete sobre a necessidade de valorização do ensino de Literatura Africana em Língua Portuguesa, para contribuir na promoção das competências indispensáveis ao enfrentamento dos desafios sociais, culturais e profissionais do mundo contemporâneo, em favor dos alunos e dos profissionais envolvidos nessa tarefa.

¹ Graduanda em Letras - Universidade de São Paulo. – E-mail: percilia.guimaraes@usp.br

Introdução

A Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que alterou a Lei 9.394 de 20 de dezembro 1996 - Lei de Diretrizes e Bases, tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental e Médio. A norma dispõe que o conteúdo programático incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileira.

Em relação ao curso de nível superior, determina que as instituições em sua organização curricular (licenciaturas), destinados à formação de professores para a educação básica, a História e Cultura Afro-Brasileira deve ser disciplina obrigatória.

Historicamente os afrodescendentes sempre foram renegados à margem da sociedade, e, como tal, sempre tiveram menos oportunidades e opções de sobrevivência, se comparado aos outros membros da sociedade. Apesar de muito lutarem para conseguir vencer essa herança colonial. Até hoje precisam recorrer às leis e normas impositivas para fazerem valer seus direitos. Como não poderia deixar de ser, esse aspecto reflete diretamente no ambiente escolar, pensando num âmbito mais restrito.

Temos que as leis são muito importantes, porque visam garantir os direitos e definir as obrigações de todos os cidadãos, fornecendo respaldo e subsídios para se promover o ensino do estudo da História da África e sua Literatura. Não garantindo, porém, o interesse das instituições em tornar efetivo o ensino e o da população em aprender mais sobre algo tão importante.

Diante desse contexto, verificamos que ao promover o contato dos alunos e professores com literatura africana, a escola media e estabelece diálogos entre todas as literaturas e entre culturas, promovendo a quebra de preconceitos e paradigmas, transcendendo fronteiras geográficas e linguísticas.

O objetivo desse artigo é colaborar na efetivação da inserção do ensino de literatura africana de língua portuguesa, no ensino de nível fundamental e médio e na promoção da formação de professores capacitados no ensino superior.

.A influência Africana

Apesar da proximidade histórico-cultural entre Brasil e África, muito pouco se sabe, a respeito das manifestações artísticas, culturais e históricas do continente africano. Mesmo em relação aos países africanos lusófonos, nosso desconhecimento é muito grande, principalmente, se considerarmos que esses países ajudaram a formar grande proporção da cultura brasileira.

“Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo – há muita gente de jenipapo ou mancha mongólica no Brasil – a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena ou do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano” (FREYRE, 2003).

O nosso país é modelado por três raças: a indígena, a portuguesa e a africana. A identidade nacional brasileira apresenta um percurso de identidade representada por duas etapas: primeira inserida na hegemonia da contribuição europeia, a adoção da língua portuguesa, a segunda na incorporação do índio e do negro, uma mistura cultural que resultou a brasilidade.

Diante desse quadro o estudo das literaturas africanas justifica-se por resgatar os efeitos da colonização portuguesa e suas heranças culturais, o que aproxima muito o Brasil da África. A literatura brasileira é conhecida na África, mas pouco sabemos da literatura africana. Segundo Tavares apud Ferreira (2003), "... o estudo internacional da literatura africana é o resultado de um processo de afirmação das diferenças culturais em cada país."

De acordo com Silva (2007, p.64): "... quando se conhece melhor a África, pode-se conhecer melhor o próprio Brasil, pois de lá veio grande parte de nossos antepassados. E porque, também, muitos episódios da história brasileira estiveram relacionados ao que ocorria no lado de lá do Atlântico. Não se trata de saber mais somente para deleite intelectual: compreender a história e cultura africanas pode ser a diferença entre acolher e conviver *versus* recusar e discrimina".

Nos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, o surgimento de suas literaturas atrelou-se ao momento político marcado pelos longos anos de luta pela libertação do domínio português. Tomando como base os modelos literários europeus, principalmente o português e o francês, criando uma literatura autêntica quanto à forma e ao conteúdo, escritores e poetas, reivindicaram o direito à voz e à prática da subversão do estatuto de "colonizado" impingindo pela Metrópole portuguesa, segundo Laranjeira (1992, p.14).

No século XX, quando a guerra de libertação ganhou força, atravessando as fronteiras criadas pelo colonialismo, estendendo-se a todos os países africanos de língua portuguesa, a literatura acompanhou a luta armada, se tripartindo em tendências: literatura de combate (de e para a guerrilha), de *gheto* (publicada sob a forma de crítica) e de diáspora. Já na década de 1970, as colônias conquistaram as suas Independências, tornando-se então países autônomos.

Nessa nova fase da literatura africana, inicia-se a de autoafirmação cultural-política-social, de uma construção identitária e um nacionalismo intenso, fortemente arraigado na literatura regionalista brasileira, inspirado em autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Guimarães Rosa, principal influência do autor moçambicano Mia Couto. A próxima fase é a de transitividade, a qual passa de uma literatura pós-colonial, que denuncia a situação que Portugal deixou em sua ex-colônias, para uma literatura universal e atemporal.

Percebe-se aí que são antigos os laços existentes entre o trabalho artístico-verbal dos autores de literatura africana e o trabalho de escritores e poetas brasileiros, negros ou não, para imprimir uma marca de diferença cultural em suas produções artístico-verbais, ao produzir literatura engajada na denúncia de preconceitos raciais e na valorização dos componentes culturais de matriz africana, vigentes na sociedade brasileira. Um forte exemplo foi a repercussão de textos literários de Angola e Cabo Verde no movimento modernista brasileiro.

Literatura é especial?

A demanda da comunidade afro-brasileira por reconhecimento, valorização e afirmação de direitos, no que diz respeito à educação, passou a ser apoiada em Lei. A educação das relações étnico-raciais, o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana teriam por objetivo o reconhecimento e a valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas.

A literatura, segundo nos lembra Candido *apud* Rolon (2011), é um direito de todo ser humano. Para ele os direitos humanos referem-se às coisas que são tão indispensáveis para nós quanto para o próximo. Considera também que a literatura seja fator indispensável de humanização, por isso acrescenta:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós uma quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

O ensino de literatura serve de instrumento de conhecimento, liberta o leitor de sua realidade finita, desenvolvendo a capacidade de imaginação, que de acordo com Moisés (2006, p.28): “... é um motor de transformação histórica.” Assim sendo o trabalho com a literatura africana deve ser desenvolvido nos ensinamentos de todos os níveis, ajudando a suscitar a tolerância, a autonomia do indivíduo, seu senso crítico e integralizando-o a outras realidades muito próximas as dele.

Segundo pensamento de Barthes (1987, p.10) *apud* Rios “A literatura é o kama-sutra da linguagem”. A linguagem tem uma materialidade que atinge a sensorialidade de modo a furta o nosso espírito, alargando-o. Ainda segundo Rios (2011, p. 85):

“Sua estrutura fônica, o timbre, os ritmos frasais, ou ainda, as imagens e metáforas que, pelo acúmulo semântico, paradoxalmente expandem nossa razão confundindo-a, tudo isso deve ter primazia para o olhar crítico atento e propositivo, a fim de se catalisarem as percepções sensitivas e intelectivas de todo texto literário.”

Através da literatura é possível de se trabalhar de forma interdisciplinar, conjugando-a com história, geográfica cultural e física, relações de gênero e filosofia do pensamento africano e em todos os níveis, justamente por estar enraizada em um meio sociocultural e geográfico que proporciona amplas questões sobre o *modus vivendi* dos africanos, muito afinados com o de muitos brasileiros, de forma geral.

Hoje temos que a inclusão obrigatória de temas étnico-raciais foi favorecida pelo contexto social e político, ou seja, pelo sistema democrático. Existe uma demanda reprimida ao longo dos anos de ausência na escola, o que requer processos de formação em larga escala, para as quais as tecnologias de informação e comunicação podem contribuir significativamente.

O papel da escola

A sociedade do século XXI é cada vez mais caracterizada pelo uso intensivo do conhecimento, seja para trabalhar, conviver ou exercer a cidadania, seja para cuidar do ambiente em que se vive. A qualidade da educação oferecida nas escolas é de suma importância, para garantir uma melhor participação do indivíduo em seu próprio grupo social e para que tome parte de processos de crítica e renovação.

No cotidiano escolar, a cultura é muitas vezes associada ao que é local, pitoresco, folclórico, bem como ao divertimento ou lazer, enquanto que o conhecimento é frequentemente associado a um inalcançável saber. Essa dicotomia pode ser trabalhada justamente através da literatura africana, na qual podemos observar a conciliação, nestes textos, entre a imaginação e a vivência, aproximando o leitor, impulsionando a sua fantasia, ao mesmo tempo, o fazendo refletir sobre seu cotidiano. Autores como Mia Couto, Pepetela, Ondjaki, Octaviano Correia, Luandino Vieira, entre tantos, segundo Rolon (2011, p.135) possuem “... a possibilidade infinita de interpretação.”

Nas várias obras dos mais variados escritores africanos há temas e formas relevantes de suscitar a análise externa da língua e da literatura em suas dimensões sociais como instituições e como realidades. Quanto a leitura e expressão escrita, no estudo das características dos gêneros textuais desde um lugar de receptor e/ou produtor na materialidade escrita da linguagem verbal.

Esses campos de conteúdos tratam o fenômeno linguístico nas dimensões discursiva, semântica e gramatical. Procurando desenvolver o olhar dialético entre o intrinsecamente linguístico e as dimensões subjetivas e sociais. Eles podem inter-relacionar-se em uma determinada abordagem, como também associar-se a outros conteúdos, de outros campos, produzindo um aprofundamento do conhecimento.

O espaço escolar é um lugar de diferenças, no qual há formas diferentes de pensar o ser, o agir, o sexo, a religião, a raça e essas diferenças precisam ser valorizadas. Não se permitindo que elas criem barreiras. Sendo bem exploradas servirão de motivo de inclusão, conforme afirma Fleuri (2001, p.129):

O Aluno que tem suas tradições culturais próprias reconhecidas e valorizadas no âmbito do processo de ensino encontra possibilidades de inserção mais ágil no cotidiano escolar. Nesse sentido, a elaboração de um programa curricular que valoriza as contribuições de várias culturas de forma explícita dinamiza e potencializa o conhecimento numa perspectiva multicultural, intercultural.”

Por meio de um currículo, no qual as ações pedagógicas se desdobram, dentro e fora do espaço da sala de aula, pode-se buscar alcançar as ações discutidas e definidas coletivamente no trabalho pedagógico.

O professor considerando as inter-relações históricas, políticas e socioculturais existentes entre Brasil e África, e as literaturas que são chamadas a construir um aprendizado de novos saberes, poderá:

- Usar de ferramentas artístico-pedagógicas, no campo das literaturas para o desenvolvimento de atividades, relacioná-las com jogos ou outros material literário de gêneros diferentes.
- Discutir os pactos de leitura solicitados pelas dinâmicas estético-discursivas, assim como os conceitos de mestiçagem, racismo e raça e suas figurações nas obras literárias.
- Criar estratégias para a formação de acervos no espaço escolar.
- Trabalhar o processo de contação de histórias.
- Orientar a seleção de material literário, estabelecendo conexões entre essa linguagem e outras artísticas-verbais (com destaque ao áudio-visual e fotografia)

Estas são algumas, dentre outras, práticas pedagógicas pelas quais pode-se trabalhar literatura africana em sala de aula.

Para crianças, que estão na faixa etária acima dos 6 anos, ou o leitor dito iniciante, a literatura faz-se necessária não só para levar a criança a se encontrar com o mundo contido no livro, como também para estimulá-la a decodificar os sinais gráficos que lhe abrirão as portas da escrita, mas tendo de um adulto como agente estimulador. A escrita destinada às crianças desde os contos de Perrault, sempre esteve voltada para a didatização dos modelos hegemônicos sociais. Segundo Azevedo (2011, p.89):

“Destituídas do elemento desestabilizante da linguagem poética, sob o argumento de se permitirem acessos à inteligência da criança, as produções findam por ser espoliadas de um teor corrosivo que a insurreição linguística fermenta. Mia Couto lida de maneira ambígua com a escrita destinada ao leitor iniciante, acolhendo alguns modelos que a tradição lhe entrega e recusando outros, num alargamento da proposta literária.”

Mia Couto desarticula padrões e algumas expectativas essenciais em relação ao gênero, num prosa poética densa em que as características da fábula estão presentes, mas ao contrário dos livros tradicionais para criança as dificuldades de linguagem não são eliminadas, há marcas de oralidade, com uma riqueza linguística inédita. Ele oferece ao seu leitor um obra poética com a consciência da função e do prazer que a literatura solicita, sendo portanto uma literatura de excelente qualidade para ensinar crianças.

A inserção da literatura no ensino exige que, no processo de formação do professor, ele possa reconhecer que há um conjunto de saberes específicos sobre leitura e literatura a serem apreendidos. Ele pode e deve confrontar o aluno com a diversidade de leituras do texto literário para que reconheça que o sentido não está no próprio texto, mas na construção mediada pelos leitores na interação com a obra lida. Tornando o ensino da literatura significativo.

Como a literatura é uma matéria formativa, ela deverá ser trabalhada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza. Por isso é necessário intensificar a importância do curso de Letras na formação de professores qualificados para o ensino de português e línguas estrangeiras, bem como de suas respectivas literaturas, incluindo reforçar a necessidade do ensino de literatura africana lusófona como forma de ampliar o universo do estudante de Letras e aproximá-lo de uma

realidade que exige cada vez mais um conhecimento mais aprofundado sobre o continente africano, seja por razões culturais, linguísticas, históricas ou econômicas.

De acordo com Couto (2011)

[...] é proposta a Literatura Africana, com a qual pretende-se desenvolver e aprofundar a pesquisa nos estudos da linguagem literária, capacitando o aluno na análise dos processos discursivos orientados pelos pressupostos teóricos da Teoria Literária, além de desenvolver a habilidade de leitura, observação e de análise das estruturas literárias da literatura em questão e seus processos formadores, a partir da contextualização histórica e teórica. A partir de então é possível privilegiar também o desenvolvimento do senso crítico com a capacidade de análise dos diferentes contextos literários, observando as diversas possibilidades de gêneros literários em cada área específica e suas relações históricas, geográficas e ideológicas, além de suas condições de produção, seus efeitos literários e contribuições. (Couto, 2011, p.6)

Esse tipo de postura também propicia que o aluno saia da posição de estagnação em que sua formação tem permanecido, em razão de fortes posturas tradicionais, nas quais o estudo da sequenciação cronológica dos conteúdos e classificação em gêneros literários, mais o acúmulo de autores, obras e estilos são enredados em suposições de ordem historicista. Desestimulando o pensamento crítico e esvaziando a análise literária, favorecendo a banalização da literatura em detrimento da língua.

É necessário frisar que o professor tem a obrigação de conhecer as diversas perspectivas teóricas para dialogar melhor sobre a produção literária, para não cair na mesmice sobre o estudo dos textos. Mas a excessiva importância à teoria se esvazia a análise literária e se dificulta o ensino e a compreensão do texto. Esse pensamento pode levar ao ponto de banalizar-se a literatura em detrimento da língua.

Conclusão

Assim, dentro das especificidades que essa literatura está inserida, a autonomia necessária para gerenciar a própria aprendizagem e o resultado dela em intervenções solidárias deve ser a base da educação, que têm em suas mãos a continuidade da produção cultural e das práticas sociais.

Construir identidade, agir com autonomia e em relação com o outro, incorporar a diversidade são as bases para a construção de valores de pertencimento e responsabilidade, essenciais para a inserção cidadã nas dimensões sociais e produtivas.

Preparar indivíduos para manter o equilíbrio da produção cultural, num tempo em que a duração se caracteriza não pela permanência, mas pela constante mudança, quando o inusitado, o incerto e o urgente constituem a regra e não a exceção, é mais um desafio contemporâneo para a educação escolar hoje.

A literatura africana ensinada na escola deve ir além da formação conteudista e informativa. Deverá ser trabalhada para garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza, gerando conhecimentos, propondo atitudes e analisando valores, formando sujeitos conscientes, autônomos e criativos. Ainda por



meio de sua linguagem ficcional pode ser utilizada de maneira positiva para uma releitura da realidade, uma crítica de situações preconceituosas, permitindo ao professor trabalhar com o imaginário dos alunos, de modo a fazê-los refletir sobre sua maneira de se ver e ver o outro.

Referências

AZEVEDO, Nelma Menezes Soares de. Um diálogo entre a leitura literária e a formação docente. In: **Reinações da literatura infantil e juvenil**. Org. Aldo de Lima - Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011, p. 89.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 235-263.

COUTO, Andréia Terzariol. **A literatura lusófona no ensino superior**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem10/COLE_15_42.pdf. Acessado em 13 de setembro de 2012.

FERREIRA, J. **As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Disponível em

<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?6513&cat=Ensaio&vinda=S>.

Acesso em 02 de setembro de 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias. Desafios à educação intercultural no Brasil. In: **Inter Cultura: estudos emergentes**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001, p. 129-150.

FREYRE, Gilberto. **Aspecto da influência africana no Brasil**. Cultura – MEC. Brasília, n. 6, v. 23, p. 6-9. Out/dez 1976. Disponível em http://www.prossiga.bvgf.gf.org.br/portugues/obra/artigos_cientificos/aspectos_influencia. Acesso em 05 de setembro de 2012.

LARANJEIRA, Pires. **De letra em riste: identidade, autonomia e outras questões na literatura de Angola**. Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe. Porto: Edições Afrontamento, 1992, p. 14-15.

MOISÉS, Leyla Perrone. **Literatura para todos**. Revista do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. USP/FFLCH/DTLLC, anua, n.9, p.16-29,2006.

RIOS, Peron. A literatura infantil de Mia Couto: um elogio do imaginário. In: **Reinações da Literatura Infantil e Juvenil**. Org. Aldo de Lima – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011, p. 85.

ROLON, Renata Beatriz Bradespin. **O ensino das literaturas africanas de língua portuguesa no curriculum escolar brasileiro: algumas considerações**. http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_11/volume/Revista_Ecos_V-11_N-02_A-2011.pdf, p. 133-134, 2011. Acessado em 31 de agosto de 2012.

SILVA, Alberto da Costa e. **Como os africanos civilizaram o Brasil**. Revista Entre Livros, São Paulo: n. 6 p.64-69, 2007.